

Mais um congresso da UNE para aquecer e revigorar o movimento estudantil nacional. Temos um novo presidente que precisa implementar as mudanças que sempre exigimos. Os estudantes não podem ficar de fora. O movimento "Não Vou Me Adaptar" vem com uma proposta real, um movimento do dia-a-dia, orgânico, para criar a interação entre cultura, política, diversão e arte, um movimento amplo, mais propositivo, que está dentro das salas, discutindo, executando e fazendo acontecer. Não é simplesmente opção para aqueles que estão descrentes com a UNE e com o movimento estudantil como um todo. É um movimento orgânico que enfrenta e enfrentará contundentemente os problemas, apresentando soluções sensatas. Conheça e participe do movimento "Não Vou Me Adaptar".



Não vou me ADAPTAR

Tese da Juventude Socialista Brasileira
ao 48º Congresso da UNE

Quem somos

Somos a Juventude Socialista Brasileira (JSB). A JSB é constituída por jovens filiados ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Partido esse com uma grandiosa história de luta em defesa das causas sociais e do povo brasileiro. A Juventude Socialista Brasileira está orientada pelos mesmos princípios ideológicos estabelecidos pelo programa do PSB, que se baseia fundamentalmente no socialismo e na liberdade. A JSB sempre foi uma juventude dinâmica, nossa atuação em vários movimentos sociais e, em destaque, no movimento estudantil tem sido muito importante, visto que o papel principal da JSB é a conscientização da categoria dos estudantes, o zelo com as entidades e a constante luta pela garantia dos direitos estudantis, bem como a organização da atuação das entidades na sociedade.

Após a **euforia** inicial

As eleições de 2002 demonstraram a insatisfação do povo brasileiro com o projeto neoliberal. Dos seis candidatos à Presidência da República, os cinco que representavam o sentimento de mudança obtiveram mais de 70% do eleitorado. Após um primeiro momento de festa e entorpecimento pela vitória de um candidato proveniente da classe operária, o povo começa a cair na realidade de um governo em disputa. O presidente Lula não recebeu um cheque em branco e, por isso, não pode continuar com o projeto neoliberal de FHC.

Lula foi eleito por representar um programa de mudanças, no entanto, seus primeiros quatro meses de mandato demonstram uma política de juros altos, excessivamente monetarista, que impede o desenvolvimento do país. Exemplo dessa política é a proposta de reforma da previdência, que taxa os inativos e aumenta o tempo de serviço, eternizando o tempo de contribuição. Outro exemplo é a autonomia do Banco Central, proposta pela PEC 53 de José Serra, que entrega o controle da economia nacional aos banqueiros internacionais.

O programa "Fome Zero" chamou a atenção de toda a população brasileira para um vergonhoso fato: a fome! E conclamou a sociedade a assumir uma responsabilidade prioritariamente governamental. Mas a "menina dos olhos" do governo federal até agora não passou de uma peça publicitária e não conseguiu desempenhar sua verdadeira função.

O Movimento "Não Vou Me Adaptar" ainda acredita que, apesar de tudo, o governo Lula pode reencontrar seu rumo e defender as mudanças em que a maioria do nosso povo tanto acredita. Acreditamos que possa haver crescimento econômico e ajustes fiscais sem que o povo precise pagar essa conta. É hora de começar a mostrar aos trabalhadores que existe a possibilidade de um Brasil forte, a partir de um movimento de massa e combativo.

É nessa perspectiva que o movimento Não Vou Me Adaptar entende que é preciso disputar os rumos deste governo, pois, como disse o próprio presidente Lula, sua vitória "é o resultado de uma geração". Geração essa que não pode renunciar à sua luta histórica e à memória de tantos que morreram combatendo a hipocrisia vista e a mentira proclamada.

HOJE ASSISTIMOS A
UMA UNE AFASTADA DOS
INTERESSES STUDANTIS
E, CONSEQUENTEMENTE,
DOS INTERESSES SOCIAIS.

QUEREMOS RESGATAR O
PAPEL HISTÓRICO DA UNE.
FORAM MOMENTOS DE LUTA
E INTENSA MOBILIZAÇÃO
DOS ESTUDANTES EM
FAVOR DO NOSSO POVO.

ADAPTAR

“NAVEGARE LUTAR É PRECISO , RENDER-SE NÃO É PRECISO .”
CHICOSCENSE

Há 65 anos, a União Nacional dos Estudantes foi fundada para organizar os estudantes, defendê-los e representá-los. Durante bom tempo de sua existência, esta entidade esteve presente nas lutas do povo brasileiro, participando da campanha contra o nazi-facismo, na campanha "O Petróleo é Nosso", resistindo bravamente à ditadura militar, lutando pelas "Diretas Já" e pelo "impeachment".

Infelizmente, hoje assistimos a uma UNE afastada dos interesses estudantis e, conseqüentemente, dos interesses sociais. Por muitas vezes, encontramos estudantes que não sabem qual o papel desta entidade, a não ser como mera fabricante de carteiras estudantis.

Por isso surge o movimento "Não Vou Me Adaptar", que é formado pela união de estudantes de diversas universidades brasileiras, indignados com a falta de democracia e representati-

vidade do Movimento Estudantil, com a situação caótica do ensino público, com a exploração no ensino particular, a falta de produção científica e tecnológica e também com a situação da juventude marginalizada e sem perspectiva de presente e futuro neste país.

Acreditamos que a educação se desenvolve num mundo em permanente transformação e que sua principal função é ser agente de construção das mudanças de que nossa sociedade tanto precisa.

Por isso não vamos nos adaptar aos acordos e conchavos entre correntes que tanto prejudicam o movimento estudantil. Sabemos que são diversos e profundos os problemas a serem superados para construirmos uma UNE combativa, unitária, plural e independente de partidos e governos.

Convidamos os estudantes brasileiros a juntarem-se a nós. Vamos arregaçar as mangas e

construir um movimento estudantil amplo, plural e de massas, capaz de representar, com irreverência e combatividade, os mais legítimos interesses dos estudantes, do povo e do país. O Movimento Não Vou Me Adaptar é acima de tudo um amplo movimento político contra todo tipo de injustiça cometida contra a humanidade, é uma atitude de resistência frente ao atual sistema, por isso:

Não Vou Me Adaptar à pobreza, à miséria e ao desemprego que afeta diretamente milhões de brasileiros;

Não Vou Me Adaptar à opressão imposta pelo império norte americano aos povos;

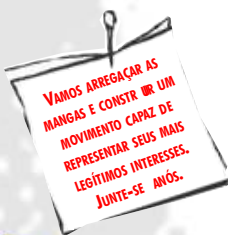
Não Vou Me Adaptar à violência urbana, ao terrorismo e à guerra que massacra milhões de pessoas em todo o mundo;

Não Vou Me Adaptar à ideologia do sistema, imposta pela burguesia dominante através dos meios de comunicação, que fazem com que o povo se mantenha conformado com as injustiças;

Não Vou Me Adaptar ao sistema capitalista que busca o lucro e o enriquecimento de um reduzido grupo de pessoas, que se beneficiam com a miséria de uma massa gigantesca de vítimas da exploração, submetidas à condição de escravos do seu próprio trabalho;

Não Vou Me Adaptar a esse mundo como está, queremos a construção de outro mundo, baseado no bem comum das pessoas, um mundo justo e de prosperidade para todos. Para a JSB, esse mundo tem nome: Mundo Socialista!

Socialismo é a saída



Vivemos cercados pelo medo e pela perplexidade. A fome, a miséria, a guerra e as epidemias fazem parte o cotidiano de milhões de pessoas no Brasil e no mundo.

A cada dia aumenta o desemprego, o tráfico de drogas, o trabalho infantil, o homem caminha para um estágio de degradação social, parece que estamos a beira de um colapso!

Por que permitimos esse estado de coisas? Como uma sociedade tão avançada na produção científica consegue tolerar a existência de um fenômeno como a fome?

É importante frisarmos que o tipo de sociedade em que vivemos é marcada por profundas contradições, baseada na exploração e concentração de

riqueza. No Brasil por exemplo, a metade de

toda riqueza privada (1,1 trilhões de reais) está nas mãos de menos de 5% da população. Cinquenta por cento (50%) da população vive abaixo da linha de pobreza. A seca no Nordeste massacra o homem do campo, o índice de desemprego é alarmante nos grandes centros urbanos, reina a violência e corrupção generalizada nas instituições públicas, há colapso na saúde e na educação. Tudo isso nos deixa perplexos e desesperados e uma pergunta se faz oportuna: será que dessa vez iremos mudar?

Não podemos perder de vista que os problemas que afetam o

Brasil são reflexos de uma crise mundial e por isso não existe solução para tais problemas nos limites das fronteiras nacionais. A dependência econômica brasileira é fruto da relação de submissão dos países subdesenvolvidos com países desenvolvidos, que, para manterem seu alto nível de ostentação, impõem através da força sua cultura, sua política, ficando sua dominação. Tudo isso é conseqüência da globalização da economia que torna os países interdependentes entre si.

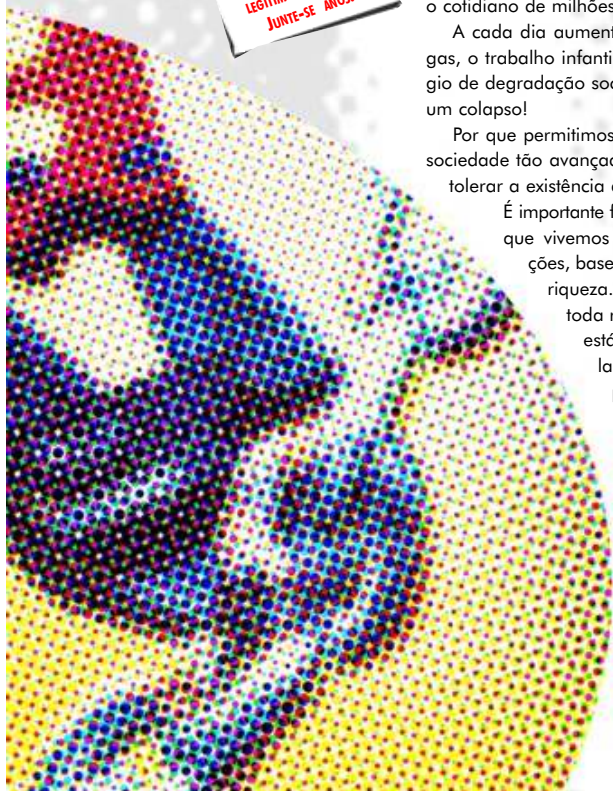
Outra etapa desse processo de dominação do império norte americano é a formação de blocos econômicos, como a ALCA, que trará conseqüências desastrosas para a economia dos países subdesenvolvidos.

Tudo isso está a serviço da manutenção de um sistema falido, que não oferece respostas às questões sociais e, por isso, deverá ser substituído por outro modelo econômico e social.

Apesar de saberem que o capitalismo não tem mais como se sustentar, a burguesia internacional promove a guerra na tentativa de reoxigenar a economia capitalista. A guerra sempre foi um negócio muito lucrativo, em detrimento da morte de milhares de pessoas inocentes, tudo isso para preservar o lucro dos capitalistas.

Frente a essa situação é que o Movimento Não Vou Me Adaptar acredita que a única alternativa para libertar a sociedade dessa condição de exploração é a revolução socialista.

A revolução, por sua vez, não ocorrerá de forma espontânea, ela deverá ser desencadeada, construída no dia-a-dia pelas lutas que travamos no seio da sociedade. A revolução é acima de tudo uma necessidade histórica que não poderá fracassar sob pena de sermos arrastados para o fundo do poço.



PROPOSTAS

"A revolução só pode ser filha das idéias e da cultura de um povo" (Fidel Castro). Sabendo disso, acreditamos que o desenvolvimento cultural de uma sociedade passa necessariamente pela construção de uma universidade pública e de boa qualidade para todos, voltada não apenas à produção científica, mas para a formação sociológica do homem.

Mas, infelizmente, o que temos constatado na realidade é que a universidade vem ao longo do tempo sofrendo um contínuo processo de desmonte e descaso, afastando-se cada vez mais de sua missão social e tornando-se refém das necessidades mercadológicas.

Falta de recursos dos órgãos de fomento, reutilização de materiais descartáveis, equipamentos obsoletos e número reduzido de bolsas fazem com que os estudantes prefiram desenvolver seus projetos em empresas de capital estrangeiro.

O abatar corpo docente sofre não só com a falta de reajuste salarial, mas também com as questões previdenciárias que promoveram uma debandada para as uni-

versidades particulares no governo FHC e agora, infelizmente, assombra mais uma vez o governo Lula. O estímulo à carreira não existe de forma concreta; gratificações como a GED e a GID são apenas artifícios para recuperar, superficialmente, as relações do ensino, trabalho e remuneração.

A extensão, que deveria ser o retorno político à sociedade, é feita de forma muito tímida e, por muitas vezes, sem qualquer tipo de projeção.

Não podemos nos esquecer do retrocesso representado pela LDB, que, entre outras questões, subestima a autonomia universitária, interferindo na democracia interna.

Enfim, após oito anos de implantação do projeto neoliberal por FHC, a sociedade brasileira apostou na mudança desta conjuntura política, elegendo Lula com 64% dos votos e com o apoio de setores progressistas. Esperamos agora a concretização das mudanças propostas por este novo governo, pois a universidade pública contribui decisivamente para o desenvolvimento político, social, cultural, tecnológico e econômico do Brasil.

POR ISSO PROPOMOS:

Universidade pública, gratuita e de qualidade. Responsabilidade do Governo Federal quanto às regras de aposentadoria e previdência da docência universitária

Redefinição dos critérios éticos para bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Campanha para a criação de universidades estaduais em todas as unidades da federação. Democracia nos órgãos colegiados. Contra as taxas nas universidades. Por uma melhor assistência estudantil. Incentivo a projetos de extensão que visa o retorno do investimento feito pela sociedade às instituições públicas. Novos cursos de graduação, enfatizando os aspectos humanísticos e à inovação, à transferência e à oferta de tecnologia, visando ao desenvolvimento regional sustentável, o aproveitamento de vocações e de estruturas culturais e produtivas locais. Incentivo à ampliação de vagas e criação de cursos noturnos. Realização de concursos para contratação de professores para a graduação, com exigência da titulação de mestrado e doutorado. Reformulação da carga horária de aulas presenciais nas disciplinas dos cursos de graduação, com possibilidade de redução de até 2/3 (66%) do total de horas semanais de presença obrigatória do estudante na sala de aula, mediante a comprovação da realização de atividades complementares, com estágios, estudos dirigidos, trabalhos científicos. Retorno da paridade de representação dos seguimentos nos conselhos superiores e o fim da indicação de lista triplíce para o MEC na eleição para as reitorias.

Públicas

Particulares

Hoje, no Brasil, abrir um faculdade é considerado um investimento rentável. No governo FHC, o Conselho Nacional de Educação era conveniente com a proliferação das faculdades particulares, e a justificativa era a "democratização do acesso ao ensino superior". A falta de controle e a abertura indiscriminada de faculdades propiciaram a difusão de cursos de qualidade duvidosa, que raramente desenvolveram pesquisa, pois isso exige muitos investimentos e os resultados, na maioria das vezes, só aparecem a longo prazo. Infelizmente é a lógica mercantil que rege a educação, exigindo lucro imediato. A maioria das Instituições Privadas de Ensino Superior é simples fornecedora de diplomas e nem pensa em oferecer serviços de extensão à sociedade, pois preocupa-se apenas em cobrar em dia as abusivas mensalidades.

Devemos lutar pela redução das mensalidades, mas deixando claro que essa não deve ser a única luta, mesmo porque vários alunos são impedidos de estudar, quando não são expulsos por estarem inadimplentes. O aumento das mensalidades é feito uma vez por ano, com base em planilhas de custo que comprovam a elevação dos gastos. Com isso, muitos alunos são empurrados para a inadimplência. Infelizmente, a educação é tratada como mercadoria, pois uma das formas do aluno inadimplente defender-se são as ações do

PROCON, para travar um batalha jurídica com o estabelecimento de ensino.

Não tendo mais condições de pagar suas mensalidades, o aluno acaba recorrendo ao FIES, o atual crédito educativo, que de crédito não tem nada. O FIES financia no máximo 70% da mensalidade, com juros de 9% ao ano, dos quais o beneficiado deve pagar R\$ 50,00 (cinquenta reais) por trimestre durante todo o financiamento, para amortizar a dívida. Com isso a bolsa passa a ter um valor fundamental e por isso devemos travar a luta pelo aumento do número de vagas de bolsas nas particulares.

Na rede privada de ensino, o que vemos na maioria das vezes é a total falta de informação no que diz respeito ao direito dos estudantes. Muitas vezes os estudantes não sabem dos seus direitos, mas sabem do seu maior dever, que é pagar em dia a mensalidade. Um desses direitos dos estudantes é a participação em Órgãos Colegiados, que no ensino privado cumprem o papel do real envolvimento do estudante, possibilitando a participação no dia-a-dia da instituição. Mas o que vemos na maioria das instituições particulares é que muitas vezes os estudantes nem sabem da existência dos órgãos colegiados, ou simplesmente eles não existem.

Por isso é importante a participação em CA's, DA's e DCE's, pois o estudante organizado tem mais respos-

abilidade para lutar por seus direitos e pressionar a direção do estabelecimento de ensino ao diálogo.

Esperamos que o Ministro da Educação, Cristóvam Buarque, mantenha o compromisso que assumiu com os estudantes, como propunha o programa de governo do Presidente Lula. Aumentando o número de vagas no ensino público, contendo a expansão desenfreada do ensino privado e mantendo sempre aberto o canal de negociação com os estudantes.

POR ISSO PROPOMOS:

Contra a mercantilização da educação. Redução das mensalidades. Pela indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão. Cobrar do MEC fiscalização rígida às IES que mantêm cursos não reconhecidos. Defesa dos alunos inadimplentes. Departamentos estaduais que garantam aparato jurídico aos estudantes. Estimular a criação e participação dos estudantes nos órgãos colegiados. Contra o FIES. Por um crédito Educativo justo. Contra a cobrança de taxas extras. Pela implementação da lei que obriga as IES a liberarem a planilha de custos. Prazo de carência mínima de 02 anos para o início do pagamento das parcelas do FIES e refinanciamento das dívidas para os estudantes recém-formados. Contra a punição e pela garantia de matrícula aos estudantes inadimplentes.



Movimento estudantil é pra lutar

A atual conjuntura política do mundo e do Brasil requer que o movimento estudantil, que marcou várias gerações com suas bandeiras de lutas, reivindicações e conquistas, crie uma ampla campanha de politização e conscientização da categoria dos estudantes, para que possamos fazer frente aos meios burgueses de comunicação que buscam afastar o jovem da política, difamando o legado histórico de participação social e popular dos estudantes.

Os estudantes sempre estiveram presentes nas lutas em prol de uma sociedade melhor. Isso está registrado na história atual e nas últimas mudanças políticas que o Brasil e o mundo enfrentaram.

A participação dos estudantes é visível principalmente nas lutas que clamam por igualdade social. Cabe a nós, estudantes organizados, como também à União Nacional dos Estudantes - como entidade representativa - não permitir que essa participação política fique perdida no tempo, na memória daqueles que deixam de ser estudantes para assumirem suas profissões ou receber um diploma e que, a partir daí, saem de uma categoria para escolher ou tornar-se uma ou outra classe social, para tornar-se opressores ou oprimidos.

Precisamos unir estudantes e trabalhadores em busca de uma educação política que venha despertar essa massa adormecida. Cabe a nós, enquanto estudantes, essa tarefa de reorganizar as massas, para que junto com os trabalhadores possamos fazer da luta de classes uma guerra contra o terrorismo da exploração.

Por isso, neste 48º CONUNE, o movimento Não Vou Me Adaptar vem conclamar todos os estudantes a unirem-se a nós para encaminharmos essa luta pela construção de uma sociedade justa, igualitária e socialista.

Movimento Estudantil

Apoio à cultura (através dos Cuca's e da Bienal da UNE)
Por um movimento estudantil mais democrático. Estimular a construção de entidades estudantis em todo o país. Que os estudantes façam valer a representação estudantil nos órgãos colegiados. Mandato de dois anos para a diretoria da UNE. Pela proporcionalidade na diretoria da UNE. Que a UNE respeite a autonomia política dos estudantes;

Brasil e o mundo

Pela redução das taxas de juros de mercado. Contra a autonomia do Banco Central. Contra a ALCA. Pelo fim do FMI. Pela autodeterminação dos povos. Apoio à luta pelas reformas agrária e urbana. Defesa da integridade nacional e de nossa soberania sobre a Amazônia. Independência da UNE face ao Governo. Contra o atrelamento da UNE ao governo, pela autonomia dos movimentos sociais.